

Comunicação Oral

**O OBJETO DE ESTUDO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DAS CONDIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA INTERDISCIPLINAR**

Edivanio Duarte de Souza – UFAL

Resumo

O objeto de estudo da Ciência da Informação é constitutivo das condições de produção em que emerge e desenvolve seu campo de conhecimento. A epistemologia interdisciplinar se apresenta de forma sublinhada, na medida em que se constitui em um dos seus principais fundamentos. Tomando como referência a *teoria materialista do discurso* de Michel Pêcheux, discute-se a constituição do objeto de estudo, considerando as condições gerais e específicas de produção do discurso interdisciplinar que a fundamenta. Considera-se finalmente que, no domínio da epistemologia interdisciplinar, faz-se necessária a construção de arcabouço teórico-metodológico que possibilite a particularização do objeto de estudo da Ciência da Informação.

Palavras-Chave: Ciência da Informação. Epistemologia Interdisciplinar. Objeto de Estudo.

**THE OBJECT OF STUDY OF INFORMATION SCIENCE
CONDITIONS OF THE INTERDISCIPLINARY EPISTEMOLOGY**

Abstract

The object of study in information science is constitutive of the conditions of production that emerges and develops their field of knowledge. The interdisciplinary epistemology presents itself underlined, as it constitutes one of its main foundations. Reference to the materialist theory of discourse Pêcheux, discusses the development of the object of study, considering the general and specific conditions of production of interdisciplinary discourse that underlies. Finally considers that in the field of epistemology interdisciplinary, it is necessary to build the theoretical and methodological enables the particularization of the object of study of Information Science.

Keywords: Information Science. Interdisciplinary Epistemology. Object of study.

*“O processo de produção de conhecimento é um ‘corte continuado’; ele é, como tal, coextensivo às ideologias teóricas, das quais ele não se cessa de separar de modo que é absolutamente impossível encontrar um puro ‘discurso científico’ sem ligação com a ideologia”
(PÊCHEUX, 2009, p. 182, grifo do autor).*

1 INTRODUÇÃO

As abordagens adotadas na definição do campo da Ciência da Informação partem, quase sempre, da tentativa de definição de “informação” como objeto de estudo e das relações interdisciplinares presentes na constituição do seu campo científico. Ocorre que esses domínios são constitutivos da delimitação do campo epistemológico, que decorre da especificação do conjunto de conceitos, métodos e teorias que o identifica. Nesse aspecto, Kobashi, Smit e Tálamo (2001, p. 1) apontam uma situação crítica ao destacar que “a Ciência da Informação é um campo científico em constituição que não apresenta consenso quanto ao seu objeto de estudo, delimitação ou método”.

É certo que a definição das origens de um campo de conhecimento não corresponde a uma tarefa fácil, sobretudo, quando ele tem pretensões de definir relações interdisciplinares com várias e amplas áreas do conhecimento. Com efeito, “a constituição de um campo científico da Ciência da Informação sempre foi uma questão em aberto. Difícil para muitos; não relevante, para outros; desafiante, para alguns” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2001).

Tomando como referência o modelo que vem sendo desenvolvido no Brasil, a Ciência da Informação depende sobremaneira das áreas cooperantes e, por conseguinte, está condicionada à epistemologia interdisciplinar. Desde a sua implantação em 1972¹, os cursos se situam no espaço da pós-graduação, o que resulta em diversas implicações na produção de conhecimento. Primeiro é preciso considerar que se trata de um domínio do qual, em tese, pesquisadores de diversas formações se aproximam, em um processo de cooperação disciplinar.

Para além da valoração apressada dessas condições de produção do campo da Ciência da Informação, prescinde-se da definição de estratégias e contornos do objeto de estudo em que essas múltiplas cooperações se integrem e se efetivem. De outra forma, há necessidade de constituição de um domínio de integração que possibilite identificar nesse espaço as características nucleares desse objeto.

Não se pode perder de vista que é a confluência entre a constituição do objeto de estudo, a complexidade do fenômeno informacional e a definição de métodos que possibilita estudos mais consistentes. Essas reflexões rompem, portanto, questões didáticas e metodológicas de pesquisas e estudos do campo, na medida em que requerem uma nova postura epistemológica frente à constituição do objeto de estudo da Ciência da Informação.

¹ O primeiro Curso de Pós-graduação em Ciência da Informação foi implantado no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no ano de 1972.

Nessas condições epistemológicas, torna-se bastante compreensível que a Ciência da Informação se apresente como um caleidoscópio em decorrência das diversas e infindáveis possibilidades de afiliações teóricas e metodológicas. Assim, centrar a constituição do objeto de estudo nos diversos processos que possibilitam a mediação da informação parece não evidenciar um traço identificador, uma vez que diversas áreas de conhecimento fazem isso, embora cada uma a seu modo. Insiste-se, aqui, que se faz necessária a definição de outras dimensões que, a um só tempo, identifiquem as particularidades do objeto de estudo da Ciência da Informação e possibilitem a inter-relação com essas dimensões das áreas com as quais procura manter cooperação.

As análises e discussões aqui empreendidas têm como referenciais a teoria materialista do discurso, que fundamenta os gestos de leitura pecheutianos e os situa no entremeio da descrição e da interpretação. Conforme Pechêux (2009), o lugar da interpretação desses gestos de leitura não se identifica ao domínio de conhecimento já estabelecido, mas ao espaço do entremeio, lugar onde as disciplinas deixam transparecer as suas contradições.

O sujeito do discurso não coincide com o indivíduo concreto – autor do texto, ao modo da teoria behaviorista, mas com a forma-sujeito, isto é, com um “sujeito” interpelado pelas diversas relações sociais e ideológicas. Da mesma forma, os textos e, por conseguinte, as sequências discursivas (SD) não são tomados na sua singularidade, mas a partir de suas *formações discursivas*². Essa prática analítico-interpretativa procura compreender a construção de evidências a partir do sentido real presente na materialidade linguística e histórica, em contraposição ao sentido verdadeiro perseguido pela positividade da tecnociência. Para tanto, tem como base os referenciais teóricos e as SD extraídas de artigos publicados, no período de 1990 a 2009, em 6 (seis) periódicos brasileiros³, que têm como objeto de discussão a integração disciplinar.

O *corpus* analítico foi construído de um arquivo que teve por base 83 (oitenta e três) artigos científicos. A rigor, na prática, o *corpus* foi sendo constituído à medida que foram sendo realizadas as análises coordenadas entre o material do dispositivo de arquivo e o dispositivo teórico. Além disso, as SD foram sistematizadas e expressas em formato alfanumérico, como, por exemplo, a **SD 4.14.3** (*recorte 4, artigo 14 e SD 3*), que também

² “Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram, em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT. 2000).

³ Ciência da Informação – ISSN 1518-8353, Data Grama Zero – Revista de Ciência da Informação – ISSN 1517-3801, Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação – ISSN 1588-2924, Informação e Sociedade: estudos – ISSN 1809-4783, Perspectivas em Ciência da Informação – ISSN 1981-5344, e Transinformação – ISSN 2318-0889.

pode ser lida da seguinte forma: a SD 3 (três) do artigo 14 (quatorze), que compõe o conjunto de artigos do recorte 4 (quatro).

2 O CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A história da Ciência da Informação se insere necessariamente no campo científico mais amplo com todas as suas condicionantes, na medida em que emerge das condições materiais em que se encontrava o campo informacional em meados do século XX. De outra forma, surge em meio ao processo de reestruturação do modelo desenvolvimento, pautado em informação e conhecimento. Tanto no âmbito internacional quanto no nacional, a origem e o desenvolvimento da Ciência da Informação estão vinculados ao estágio técnico-informacional em que se encontram as sociedades, às suas respectivas infraestruturas e ao desenvolvimento de um conjunto de projetos e programas em C&T, principalmente, nas esferas governamentais e industriais.

Muitas transformações vêm ocorrendo no campo técnico-científico, notadamente, nos modos de produzir, organizar e distribuir informação e conhecimento. As principais estão vinculadas às novas metodologias e tecnologias de tratamento, processamento e organização da informação, que impõem a compreensão da ciência em um contexto mais amplo, rompendo com a dicotomia internalista e externalista. A ciência contemporânea representa, conforme Santos (1989, 2003) e Domingues (2005, 2004), a ampliação de seu domínio que procura compreender seus elementos internos e as inter-relações com as diversas esferas sociais, notadamente, mercado e governo. Essa ampliação inaugura um novo *modus operandi*, que, em última análise, resulta em um novo *modus significandi* cujo conhecimento assume uma perspectiva reticular, que se traduz em movimentos crescentes de integração disciplinar.

Parte do discurso contemporâneo compreende que “[...] a interdisciplinaridade busca recompor o próprio sentido da vida, daí dizermos que ela se constitui, antes, num *procedimento que se adéqua [sic] às condições do final do século XX*, em que os estudos científicos apontam para uma *epistemologia em que a razão e a emoção possam se harmonizar*” (SD 1.4.19).

Depois da segunda guerra mundial, justamente quando o investimento em ciência e tecnologia começa a deslocar-se do Estado para os setores privados da economia e da sociedade civil, porta-vozes do próprio aparelho institucional e acadêmico de produção do conhecimento científico começam a manifestar suas suspeitas acerca das concepções *internalistas* da ciência, as quais afirmavam sua neutralidade e autonomia (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2001, p. 7).

A Ciência da Informação compreendida como campo científico e profissional interdisciplinar assume um dos papéis na instrumentalização e na coordenação de esforços

direcionados inicialmente à equação do problema do caos documental e, sequencialmente, à acumulação, à organização e à gestão e ao controle do conjunto de informações e conhecimentos produzidos. Isso implica dizer que a ampliação do campo da Ciência da Informação tem relação simétrica com o desenvolvimento científico e tecnológico. Essa ampliação se retrata na nova forma de fazer ciência e de produzir conhecimento, ou seja, seu desenvolvimento está dentro do projeto de ciência contemporânea e, mais amplamente, no projeto de sociedade informacional global. “A interdisciplinaridade, portanto, se apresenta na sociedade atual como uma proposta de procedimentos que busca levar os homens, através do trabalho em parceria, a *dividirem suas dúvidas, suas angústias, suas descobertas, em benefício de um todo*” (**SD 1.4.18**).

Faz-se necessário, contudo, pensar nos programas disciplinar e interdisciplinar específicos, considerando os contextos imediatos em que ela se desenvolve. E, nessa perspectiva, é importante, pelo menos, lembrar que, assim como as instituições e suas políticas, os instrumentos e as técnicas são carregados de teorias e conceitos, e, por conseguinte, são “fabricadores de disciplinas” (LENOIR, 2004) e de interdisciplinas.

As mudanças no campo técnico-científico promoveram o olhar externalista e principalmente a sua autonomia relativa, que significa aproximação e interdependência entre o desenvolvimento científico e tecnológico e as correspondentes condições materiais. Essa aproximação promove resultados de duas ordens, quais sejam, o surgimento de novos campos científicos e a reelaboração das relações interdisciplinares. O fato é que “esse processo de *emergência de novos campos* ou de *refinamento/substituição de conexões interdisciplinares dos campos antigos*, de forma alguma, está terminado, como testemunha a emergência, na última década ou pouco mais, da ciência cognitiva. Portanto, a *CI está seguindo os mesmos passos evolutivos de muitos outros campos*” (**SD 1.26.3**).

A partir desse entendimento enunciativo, considera-se que, no processo interdisciplinar, a Ciência da Informação assume condição quase exclusivamente exógena, na medida em que tem como referência os demais campos científicos, desconsiderando, muitas vezes, as condições em que se encontra o seu campo disciplinar. Não se pode perder de vista que não se trata de exigências e condições específicas da Ciência da Informação, mas de determinações estruturais do processo de reorganização por que passam os diversos setores produtivos, notadamente, aqueles vinculados à IC&T. Nessa perspectiva, é oportuno considerar, na **SD 1.4.2**, “[...] a *subjetividade e a interdisciplinaridade* como componentes dessa *nova ordem* que se esboça ou prenuncia”. De outra forma, compreende-se, em Pimenta (2003, p. 10, grifo do autor), que “[...] *cada ciência, independente do grau de desagregação*

em que estejamos, tem um conjunto de características que têm de ser estudadas em si mesmo”.

Há um conjunto de exigências de reorganização do campo técnico-científico, conforme sua necessidade e seus projetos específicos, contudo, o discurso interdisciplinar da Ciência da Informação demonstra que se trata de demandas externas que têm na sua base as mudanças político-econômicas e ideológicas, que ganharam impulso, principalmente, no período subsequente à Segunda Guerra Mundial. A **SD 1.9.6** destaca que “[...] a característica interdisciplinar da ciência da informação *não precisa ser procurada, está lá*, no âmago do próprio campo científico. [...] *trocias significantes estão acontecendo entre vários campos científicos* que abordam os mesmos problemas de informação, ou semelhantes, de formas bastante diferentes. *A ciência da informação definitivamente deveria unir esses campos”.*

Essa construção da evidência da interdisciplinaridade no discurso da Ciência da Informação é marcada pelo retorno à fragmentação da ciência e à necessidade de superação do modelo de analiticidade apontado por Santos (1989, 2003), que faz parte da memória discursiva do processo de transição entre os modelos moderno e contemporâneo de ciência. Os ditos “*não precisa ser procurada*” e “*está lá*” se organizam em torno de não ditos que àqueles se opõem na esfera do contradiscurso da conformação disciplinar, isto é, emergem sempre como resposta ao conjunto de questionamentos implícitos sobre a formação do domínio disciplinar da Ciência a Informação. Nesse contexto, pode-se considerar a **SD 2.24.3**: “[...] seja qual for a designação a ela [Ciência da Informação] atribuída, afirmou-se na interdisciplinaridade, seguindo o modo de constituição da ciência proposto pela pós-modernidade, *sem examinar com clareza sua própria trajetória disciplinar autônoma”.*

Com efeito, no campo das ciências sociais aplicadas, esse discurso ganha maior força em função da rede interdiscursiva que caracteriza, segundo Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007), as particularidades do “*objeto que fala*”, das exigências metodológicas no âmbito das ciências compreensivas e, segundo Ortiz (2002), da inexistência de um único modelo de ciências sociais que questiona a unidade e a universalidade da ciência. Assim considera, nessa esfera discursiva, a **SD 1.1.3**: “os avanços científicos mais recentes vêm colocando objeções ao paradigma da *objetividade e universalidade* da Ciência’ e, por extensão, trazem reflexos para as *ciências humanas e sociais, cada vez mais interdisciplinares”.* O fato é que ela corresponde à síntese do discurso do modelo de ciência contemporânea. Na sua base, existe o entendimento de que, se o pluralismo corresponde ao lugar da análise e da interpretação, segundo Santos (2003), apenas a transgressão metodológica é capaz de superar o estado de degenerescência em que se encontra a ciência.

Todo conhecimento, nessa perspectiva externalista e plural, torna-se social e, por conseguinte, cada vez mais interdisciplinar.

Se essas questões permeiam todo o campo técnico-científico, no campo informacional elas se apresentam de forma sublinhada, em decorrência de sua maior centralidade na Revolução Tecnológica do século XX. Nesse campo, tornam-se mais evidentes as características da lógica da tecnociência contemporânea, que busca a integração dos diversos conhecimentos e tecnologias a eles relacionados em todas as suas modalidades e formas de manifestações teóricas, práticas, operacionais, explícitas, tácitas, entre outras, como meio de aprimorar o sistema produtivo. O conhecimento contemporâneo, assevera Santos (2003), é largo e transgressor. Nesse sentido, segundo a **SD 1.25.18**, “há mais interdisciplinaridade em todos os esforços de P&D da prática profissional aos negócios. Como resultado da ‘explosão de comunicação’, exemplificada pela enorme propagação da Internet e dos conceitos de Infraestrutura Global de Informação, *numerosos campos e participantes estão se movendo para lidar com a informação*” (tradução nossa).

O novo modelo científico tem como base a maior aproximação entre C&T, indústria e mercado, situado em um complexo processo acelerado de inovação tecnológica e de crescente competição entre os mercados e os diversos setores de produção (SCHWARTZMAN, 2005). No mundo do mercado, esse processo se traduz em associações e fusões de empresas, concorrências acirradas e fluxos de capitais. No domínio epistemológico, a nova ordem se caracteriza pelo aumento de mobilidade entre os pesquisadores, pela maior inter-relação e concorrência entre os campos de conhecimento. O discurso interdisciplinar, nesse contexto, torna-se muito amplo e não se inscreve em um projeto disciplinar para a Ciência da Informação, mas em um projeto amplo da C&T. Ela procura situar seu campo, notadamente, nesse domínio amplo. Convoca a memória de integração de forças em torno de soluções tecnológicas bem exemplificadas por *Memex*, *Cérebro Universal* e *Mundaneum*.

É no cenário contemporâneo que o conhecimento, numa gama ampliada que inclui a ciência e a tecnologia junto a outros conhecimentos políticos e econômicos, considerados estratégicos, passa a ser objeto preferencial de estudos econômicos, políticos e administrativos, reunidos sob as denominações de *knowledge management*, (inteligência organizacional), *inteligência competitiva*, dentre outras (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2001, p. 11, grifo da autora).

Não importam as fronteiras entre disciplinas ou entre ciência e técnica (tecnociência), é imperativo promover o desenvolvimento por intermédio de C&T, notadamente, na área de IC&T. Há um maior vínculo com o mercado e as demais condições socioeconômicas e, portanto, a necessidade de abertura do conhecimento científico a outros tipos de conhecimento, na medida em que a “natureza” torna-se cada vez mais complexa. O modelo

simplificador de analiticidade proposto pela ciência moderna não mais comporta os processos de conhecer, controlar e produzir, na nova ordem do modelo de desenvolvimento informacional. O discurso contemporâneo prega que “a interdisciplinaridade [...] emerge hoje *não só como um projeto*, uma forma da vontade de saber, mas como um *fatum* que passa a ser de consideração iniludível nos *fóruns acadêmicos, administrativos e políticos da ciência e da tecnologia e da educação – em todos os seus níveis*” (SD 3.5.8).

Esse discurso genérico corresponde à base de sustentação das práticas interdisciplinares, primeiro porque se harmoniza com a estrutura reticular da sociedade informacional e com o discurso do modelo de integração político-econômico global e, segundo, porque a coloca em um domínio muito amplo e polimorfo marcado por metáforas e deslocamentos que, segundo Pombo (1994), caracterizam-se como meros significantes flutuantes e ambíguos, que carregam a errância, a nebulosidade e a indefinição de contornos. Por outro lado, trata-se, para usar o pensamento de Bachelard (1996) e de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007), de imagens usuais que promovem a sensação de familiaridade e de segurança.

Ocorre que, apesar dessas questões teórico-metodológicas, a interdisciplinaridade é uma prática bastante presente no campo científico, que promove trocas de diversos níveis e modalidades. Há, muitas vezes, uma tendência a acompanhar os modelos que se apresentam na forma de modismo. Esse estado de coisa está presente tanto nos aspectos conceituais da definição do campo quanto operacionais da Ciência da Informação. Esta segue o modelo, isto é, não adota por questões próprias, na medida em que não apresenta os pré-requisitos de um campo em que seja possível desenvolver atividades interdisciplinares. E esses pré-requisitos são difíceis de serem estabelecidos pela própria conformação do campo caracterizado pela extensão e pela multiplicidade de enfoques, que dificulta o estabelecimento de um núcleo disciplinar, que coordene as práticas de colaboração.

Embora não tenha as condições ou preencha os requisitos necessários às práticas interdisciplinares apontados por Japiassu (1976), dentre os quais podem ser destacados o domínio disciplinar e a organização de equipes altamente especializadas, a Ciência da Informação segue o modelo proposto pela ciência contemporânea. A “Ciência da informação possui três *características gerais* que são o *leitmotiv* de sua evolução e existência. Estes são *compartilhados com muitos campos modernos*. Primeiro, ciência da informação é *interdisciplinar por natureza*, porém, *as relações com várias disciplinas estão mudando*. *A evolução interdisciplinar está longe de terminar*” (tradução nossa) (SD 1.25.3). Trata-se, portanto, de uma questão externa que impõe a sua adesão, não obstante as suas condições de

inexistência de pré-requisitos mínimos necessários ao desenvolvimento de práticas interdisciplinares.

A história da Ciência da Informação vem acompanhando de perto a dinâmica dos processos de produção e controle de informação e conhecimento. Seu desenho disciplinar tem assumido, por outro lado, a sua a-historicidade específica. Isso implica um olhar marcadamente externo, que é característico do campo científico desde a sua emergência nas décadas de 1960 e 1970. As condições gerais são sempre apontadas como evidências de sua natureza interdisciplinar. “[...] Claramente nem toda disciplina de origem das pessoas que trabalham no problema tem contribuição igualmente relevante, mas a variedade era responsabilidade de manter uma forte característica interdisciplinar da ciência da informação. *Ela não tem que ser procurada. Ela está aí*” (tradução nossa) (**SD 1.25.11**).

Agora é preciso colocar este domínio político e epistemológico diante das exigências teórico-metodológicas específicas do campo. De outra forma, faz-se necessário definir um dispositivo teórico que possibilite a compreensão das diversas possibilidades e, mais que isso, condicione a seleção daquelas que estejam em consonância com um projeto epistemológico e disciplinar específico. Essa questão emerge implicitamente nos diversos arranjos discursivos da interdisciplinaridade na Ciência da Informação e explicitamente nos contradiscursos que buscam compreendê-la de forma situada, como se torna evidente na **SD 1.17.21**: “Esta reflexão [...] é fundamental, *não para confirmar a característica interdisciplinar da Ciência da Informação*, porque seu *objeto de estudo aponta para a relevância deste seu caráter* mas, para que se *possa verificar quais as disciplinas que de fato dialogam com ela a ponto de atualizarem esta interdisciplinaridade*, justificando a inclusão dessas disciplinas na composição do núcleo principal da Ciência da Informação”.

Não se pode perder de vista que essas condições amplas são lastros para todos os campos de conhecimento, porém, chegam a cada um deles e são por eles recebidas de forma particular, isto é, interessada e situada. Considera-se, pois, que, quando as condições sociais e epistemológicas amplas passam a não ser a diferença, os aspectos teórico-metodológicos ou, ainda de forma mais restrita, os métodos e as técnicas ganham força de zelo ou vigilância epistemológica, embora possam, conforme González de Gómez (2000), continuar em um espaço decisório secundário.

3 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A interdisciplinaridade na Ciência da Informação também é evidenciada a partir de seu objeto de estudo e sua organização discursiva se dá basicamente em dois espaços

complementares, quais sejam, o reconhecimento da complexidade do objeto informação e a dificuldade de o campo definir seu objeto particular. No que se refere ao primeiro domínio, os arranjos discursivos têm por fundamento o entendimento amplo de que a informação se encontra circunscrita em todas as áreas de conhecimento ou, mais amplamente, nos diversos setores da sociedade. A **SD 1.28.1** expressa essa evidência a partir da perspectiva de transparência lógica: “logo, como resultante do seu próprio *objeto de estudo* – a informação – *presente em todas as áreas do conhecimento humano, a CI assume caráter interdisciplinar e transdisciplinar*”.

Essas construções discursivas amplas em torno da epistemologia interdisciplinar rompem com a compreensão de desunidade da ciência e de sua característica de prática interessada, que têm por base os recortes e as delimitações de acordo com os objetivos traçados nos respectivos campos de conhecimento. Dessa forma, apontam para a transdisciplinaridade como integração total do saber informacional, considerando que materialmente a informação se encontra presente em todos os domínios do saber. Essa discussão coloca-a em um espaço não delimitado e, portanto, teórico-metodologicamente vazio. A multiplicidade do objeto de estudo decorre, por assim dizer, da espontânea simetria entre o objeto material e o objeto de estudo e, por conseguinte, o projeto de abarcar a integralidade dos pontos de vista, considerando a diversidade da ciência e os diversos interesses políticos, econômicos, sociais, epistemológicos e ideológicos que os envolvem.

Nessa perspectiva, Goffman (1970) aponta como objetivo da Ciência da Informação o estabelecimento de uma abordagem unificada para o fenômeno informação, abrangendo os diversos domínios biológicos, humanos e tecnológicos. Com efeito, considera a necessidade da preocupação com os princípios fundamentais e com o processo de comunicação. Nesse domínio, “uma outra justificativa apresentada para a caracterização interdisciplinar que a CI recebe é a de que ela *necessita do conhecimento de outras áreas para solucionar os problemas de seu objeto de estudo*, a informação [...]” (**SD 1.2.9**). Ocorre que cada nova relação interdisciplinar estabelecida com a Ciência da Informação promove o recorte do objeto material informação, traduzindo-se em uma multiplicidade de objetos de estudo. Nesse caso, produz-se um efeito contrário à proposta do projeto disciplinar, na medida em que, segundo Oliveira (2005), a Ciência da Informação apresenta dificuldade em isolar e descrever seu objeto de estudo.

O fato é que a informação é identificada como objeto de estudo de vários campos de conhecimento e, por conseguinte, as questões abordadas na Ciência da Informação têm sido também objeto de muitas disciplinas fragmentadas, o que exige que esta lide com esses itens

fragmentados de natureza empírica e teórica (WERSIG, 1993). Esse estado de fragmentação de conhecimento explícita, portanto, a necessidade de construções que busquem a integração desses elementos. Para tanto, “baseia-se na construção interdisciplinar da estrutura teórica (conceitos, enunciados, teorias) para estudar um *objeto de estudo complexo*. Ao mesmo tempo, querendo dar uma justificação teórica dessa estrutura, como já mencionado na metodologia, o problema da interdisciplinaridade e da metodologia” (**SD 1.24.5**).

A interdisciplinaridade passa a se apresentar nesse domínio como uma evidência, na medida em que, ao mesmo tempo, existe a fragmentação do objeto em diversas disciplinas e a respectiva necessidade de integração por parte da Ciência da Informação. Em virtude dessa extensa multiplicidade de abordagens, torna-se mais evidente a necessidade de integração das diversas facetas do objeto material informação do que da construção do objeto interdisciplinar. É decorrente dessa dificuldade de integração que Wersig (1993) destaca a necessidade de definição de *interconceitos* que promovam a integração entre as diversas áreas que se dedicam ao fenômeno informacional.

Considerar a informação como objeto multifacetado corresponde ao reconhecimento de sua complexidade constitutiva no espaço dos diversos campos do conhecimento, mas passa ao largo da delimitação do objeto de estudo da Ciência da Informação no âmbito do interdisciplinar. Ao localizá-la no domínio da Ciência da Informação ou de qualquer um dos campos do conhecimento, ela passa por um processo de delimitação que a particulariza e a identifica como objeto específico do domínio disciplinar. Um objeto dessa natureza se constitui em objeto complexo, não pela obtenção da totalidade das perspectivas possíveis de serem abordadas, mas pela sua característica, ao mesmo tempo, plural e unitária (MORIN, 2003, 2007, 2010), que significa abordar questões específicas daquelas diferentes áreas, mas considerar o campo de visão a partir dos referenciais externos.

Esta celeuma que parece acompanhar o desenvolvimento do campo desde a sua origem circunscreve-se nos espaços das relações disciplinares. Mesmo considerando apenas o objeto delimitado sem a rede ampla conceitual a ele relacionada (CAPURRO; HJØRLAND, 2007; ZINS, 2007c), “[...] é preciso lembrar que esse objeto não é exclusivo da Ciência da Informação. A informação é preocupação de pesquisa da Comunicação Social, da Ciência da Computação, da Biologia e de outros campos de estudo. O fenômeno é visto e interpretado de forma diversa pelas diferentes áreas” (OLIVEIRA, 2005, p. 18).

Ao se referir à dificuldade de delimitação do objeto de estudo da Ciência da Informação, Oliveira (2005) não destaca a ausência de referenciais teórico-metodológicos que possibilitem sua construção como objeto científico, mas essencialmente a dificuldade de

isolá-lo, descrevê-lo, particularizá-lo e, portanto, identificá-lo como objeto da Ciência da Informação. Com efeito, os referenciais são múltiplos e de difícil integração, mas são mantidos sob a égide do discurso da interdisciplinaridade.

O fundamento mais utilizado para as práticas da interdisciplinaridade na Ciência da Informação se torna frágil e de difícil sustentação, na medida em que se caracteriza pelo generalismo e pelo imediatismo, que estabelece uma lógica de simetria entre objeto material e objeto de estudo, quando se apoia na ideia de que a informação está em todos os campos de conhecimento.

É preciso considerar primeiramente que o objeto de estudo é construído em relações teóricas bem definidas (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2007). E, segundo, que, malgrado a organização do discurso interdisciplinar se dê em torno dessa noção ampla e empírica de informação, esta é uma questão que vem preocupando alguns autores, fazendo com que estes procurem definir alguns elementos que possibilitem a delimitação da informação como objeto de estudo do campo. Com efeito, Kobashi, Smit e Tálamo (2001) compreendem que a Ciência da Informação corresponde a um campo de conhecimento em constituição e, em decorrência disso, ainda não apresenta consenso sobre o seu objeto de estudo.

Nos arranjos discursivos da interdisciplinaridade emergem algumas construções como contradiscursos que procuram, pelo menos, apontar para a relação entre a interdisciplinaridade e a definição de um objeto de estudo dentro de um domínio disciplinar da Ciência da Informação. Dessa forma, “a abordagem do seu *objeto é interdisciplinar já que esta é uma exigência das temáticas* que trata, mas a Ciência da Informação enquanto tal constitui campo específico – uma disciplina” (SD 2.17.7).

Foi nesse domínio crítico que Shera e Cleveland (1977) e, posteriormente, Capurro (2003) identificaram a necessidade de uma teoria unificada da informação. Segundo eles, a Ciência da Informação necessita de um conjunto de princípios gerais que a qualifique como ciência, que exija o estabelecimento do domínio epistemológico e da unidade teórica e que promova uma base sólida em torno de algumas noções consistentes de informação. Para eles, a preocupação era centrada nos conceitos em detrimento dos fundamentos.

Por outro lado, “em primeiro lugar devemos esclarecer que o objeto de estudo da Ciência da Informação não poderia ser, a nosso ver, a informação de maneira não qualificada, como uma objetividade isolada e descontextualizada – quase uma ‘coisa em si’” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003, p. 32). Quando estudada fora de uma perspectiva de delimitação de contexto, visando abarcar todos os seus contornos, essa compreensão não vai

além de suas evidências primeiras, pautadas em pré-noções e conhecimentos espontâneos. Acrescente-se a isso que, segundo Japiassu (1976), a prática interdisciplinar só se efetiva em um processo coordenado dentro de situações bem definidas e, até mesmo, bem controladas estrategicamente.

Além das evidências construídas no domínio específico da informação como objeto de estudo, o discurso interdisciplinar é ampliado considerando a complexidade das temáticas e dos problemas que compõem o campo de conhecimento da Ciência da Informação. Nesse contexto, torna-se mais manifesta a ausência de delimitação do objeto em função da não especificação da ordem dos referidos problemas. Dessa forma, “[...] devido à *complexidade cada vez maior dos problemas* colocados pela *sociedade em plena mutação*, exige-se a análise interdisciplinar para que estes sejam resolvidos” (**SD 1.7.7**).

A partir dessas relações, são construídas evidências das inter-relações entre a Ciência da Informação e os domínios de conhecimento em que se originam as teorias e as metodologias que sustentam aqueles conceitos. Mais que isso, existe uma ampliação em decorrência da complexidade dos produtos, tecnologias e metodologias de estudo que os envolve. Há, portanto, na constituição do discurso interdisciplinar, alguns deslocamentos que ampliam as evidências da natureza interdisciplinar. **SD 1.7.14** “[...] a Ciência da Informação, e *consequentemente os Sistemas de Informação*, formam um campo interdisciplinar por atuar em *áreas de concentração de problemas altamente complexos* e, como todos os problemas complexos, são tratados de várias formas em muitos campos”. O fato é que, conforme Kobashi, Smit e Tálamo (2001), nem sempre existe o processo de adequação terminológica ou de tradução nesses deslocamentos conceituais realizados na Ciência da Informação. Mesmo assim, o acréscimo de elementos do campo faz parte do discurso da interdisciplinaridade, conforme a **SD 1.7.6**: “A informação por si só, base fundamental para se investigar os Sistemas de Informação, é *objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento*, [...] Portanto, com o objetivo de compreender os *mecanismos e as características que relacionam as pesquisas em Sistemas de Informação*, a interdisciplinaridade merece uma atenção especial”.

É oportuno destacar em Oliveira (2005, p. 17) que “há muitas definições para o termo informação, que conduzem às diferentes visões dos autores sobre o que é um processo de informação”. A autora considera que há uma grande diversidade de visões de autores sobre elementos, processos, produtos, serviços, usuários, sistemas e instituições que compõem o campo da informação, que conduzem muitas definições para o termo “informação”.

Outra questão que deve ser considerada corresponde à diversidade de áreas e, por conseguinte, à pluralidade epistemológica envolvida na constituição do objeto de estudo. O fato é que, conforme a **SD 1.4.4**, “[...] a *interdisciplinaridade* [...], embora não explícita, está presente na gama de disciplinas que compõem o universo da informação”. Essas são condições gerais que não apontam para os fundamentos específicos das práticas interdisciplinares, uma vez que estes se encontram nos aspectos conceituais, nas teorias e nas metodologias. Assim, há uma multiplicidade de perspectivas de construção do objeto na mesma proporção em que existe um pluralismo teórico-metodológico no campo informacional. Acontece que, segundo Saracevic (1999, 2009), nessa questão, existem constatações da dificuldade de integração dos elementos internos do campo que decorrem dessa pluralidade em torno do objeto.

Contudo, é preciso considerar em Morin (2010) que a complexidade não se apresenta como metodologia para resolução de problemas decorrentes da fragmentação dos objetos, mas como a consciência da visão parcial promovida pela delimitação do objeto estabelecida pela comunidade de especialistas que compõem o campo científico. É nesse sentido que Bourdieu (1983) entende que a comunidade é quem define e julga, uma vez que não existe um tribunal para escrutínio externo.

Uma questão importante, porém ausente no discurso interdisciplinar na esfera do objeto de estudo, diz respeito aos elementos ou propriedade que são adotados no processo de delimitação, sobretudo, aqueles que se apresentam como fundamentos. Assim, Capurro (2003) defende que, na especificação do domínio da Ciência da Informação, torna-se necessária uma reflexão epistemológica que procure diferenciar o conceito de informação daqueles adotados em outros campos de conhecimento, bem como em outros contextos, como o cultural e o político. Para o autor, a multiplicidade de que padece o objeto de estudo informação exige a sua delimitação no contexto contemporâneo, que significa contextualizá-lo no processo amplo de globalização e, complementarmente, situá-lo no espaço restrito do estudo e da prática profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, no discurso interdisciplinar, há o silêncio sobre o domínio disciplinar, mas esse discurso procura estabelecer a constituição do objeto interdisciplinar em função das exigências temáticas. Isso que dizer das duas uma: ou o objeto interdisciplinar não pertence apenas à Ciência da Informação, uma vez que ela contribui com uma parcela do seu domínio

disciplinar, ou o seu campo se constitui em um amálgama de recortes disciplinares, constituindo o seu suposto objeto interdisciplinar.

A rigor, a postura transeunte resulta em baixa cooperação, quantitativa e qualitativa, e imaturidade nas discussões, que, em última análise, dificulta na constituição do objeto de estudo da Ciência da Informação. Assim, na Ciência da Informação é preciso ser Arquivista, Bibliotecário, Cientista da Computação, Museólogo, entre outros profissionais que se interessam pela informação, e deixar de sê-lo, a um só tempo. Assim, a Ciência da Informação não é uma Biblioteconomia especializada que estuda a informação científica e tecnológica, ou uma Ciência da Computação que se dedica aos aspectos mais humanos, por assim dizer, mas ela atravessa todas essas áreas de estudo, colocando-se sempre em uma situação de total desconforto.

Pelo menos, aqueles que se dedicam aos estudos epistemológicos deveriam olhar mais de perto ou com outras lentes teórico-metodológicas as particularidades do objeto de estudo da Ciência da Informação. Em complemento, existem evidentemente subáreas que se encontram mais distantes dessas preocupações dadas as suas agendas de pesquisa. Isso fica bastante patente no Brasil, basta observar os grupos de trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), bem como as áreas de concentração e as linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação.

O reconhecimento da existência desses domínios não diminui em nada as reflexões e as construções em torno do objeto de estudo. Pelo contrário, possibilita a clareza de que existe um campo de tensão de onde se irradiam diversos elementos que constituem o objeto de estudo deste campo. É imprescindível inaugurar movimentos de *dessuperficialização* do objeto de estudo, o que implica em desmaterialização ou, que dá o mesmo, em formalização teórica e metodológica.

Malgrado as críticas que possam emergir desse posicionamento, resta esclarecer que essa pluralidade de quadros teóricos é tributária das condições de produção que são estabelecidas no campo informacional mais amplo. Ao mesmo tempo, é possível identificar a Ciência da Informação que privilegia os fundamentos epistemológicos potencializadores de uma prática científica integrativa. Talvez isso pareça óbvio ou, por outro lado, insuficiente, mas é uma opção epistemológica que, pelo menos aqueles que se lançam nesse domínio, precisam enfrentar.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 314p.
- BOURDIEU, P. campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. Cap. 2, p. 122-155.
- _____; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na Sociologia. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 328p.
- CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.
- _____; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>>. Acesso em: 13 dez. 2010.
- DOMINGUES, I. Em busca do método. In: DOMINGUES, I. (org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade II**: aspectos metodológicos. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. Cap. 1, p. 17-40.
- _____. **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG/IEAT, 2004. 72p.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000. 239p.
- GOFFMAN, W. Information Science: discipline or disappearance. **ASLIB proceedings**, v. 22, n. 12, p. 589-596, dec. 1970.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 60-76, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/131/112>>. Acesso em: 21 jan. 2008.
- _____. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramaZero – revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, out. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm/>. Acesso em 06 abr. 2007.
- _____. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/view/433/243>>. Acesso em: 25 ago. 2009.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 220p.

KOBASHI, N. Y.; SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. F. G. M. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. **Data grama zero – revista de Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, p. 1-8, abr. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr01/Art_03.htm>. Acesso em: 25 abr. 2009.

LENOIR, T. **Instituindo a ciência: a produção cultural das disciplinas científicas**. São Leopoldo, RS: Usininos, 2004. 380p.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 344p.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: SILVA, J. M. (Org.). **Para navegar no século XXI**. 3. ed. Porto Alegre: Meridional, 2003. p. 19-42.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 120p.

OLIVEIRA, M. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, M. (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005. Cap. 1, p. 9-28.

ORTIZ, R. **Ciências sociais e trabalho intelectual**. São Paulo: Olho D'Água, 2002. 207p.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas, SP: Ed Unicamp, 2009. 287p.

PIMENTA, C. **Apontamentos breves sobre complexidade e interdisciplinaridade nas Ciências Sociais**. Porto, Portugal: Universidade do Porto, 2003. 35p.

POMBO, O. Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. In: POMBO, O.; LEVY, T.; GUIMARÃES, H. **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Texto, 1994b. Cap. 1, p. 8-14. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/interdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2008.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 176p.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003. 92p.

SARACEVIC, T. Information Science. In: BATES, M. J.; MAACK, M. N. (Eds). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Taylor e Francis, 2009. p. 2570-2586.

_____. Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.

SCHWARTZMAN, S. Modos de produção de conhecimento científico e tecnológico e as oportunidades para o setor de ensino superior e particular. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO NAS IES PARTICULARES, 6., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/2005_salvador.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010.

SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of Information Science. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 12, p. 249-275, 1977.

WERSIG, G. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information processing & management**, v. 29, n.2, p. 229-239, 1993.

ZINS, C. Classification schemes of Information Science: twenty-eight scholars map the field. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 58, n. 5, p. 645-672, 2007a.

_____. Conceptions of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 58, n. 3, p. 335-350, 2007b.

_____. Conceptual approaches for defining data, information and knowledge. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 58, n. 1, p. 479-493, 2007c.

_____. Knowledge map of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 58, n. 4, p. 526-535, 2007d.